

PÃO, FOME, CONTRADIÇÃO

Um ensaio ético-teológico

Márcio Fabri dos Anjos*

Resumo:

Milhões de pessoas passam fome e mesmo morrem de fome no mundo, apesar das boas condições de produção de alimentos para todos. Entretanto, esta reflexão sobre o *pão* de Márcio dos Anjos, não tem em vista apenas o pão material, mas também o relacional e o simbólico. A relação injusta da humanidade com o pão e os que dele necessitam – seja ele alimento, seja ele condições de vida, seja ele ambiente – tem como efeito vidas em risco e milhões morte. Por fim, o autor elenca uma série de contradições que precisam ser superadas se queremos ser fiéis ao simbolismo e à natureza cristã do *Pão Nosso*: questionar o vínculo alimento como mercadoria de especulação, superar a situação de pobreza humanas em todas as suas dimensões, buscar soluções para a falta de alimentos e não só distribuir *cestas básicas*.

Palavras-chave: Fome; Pão: significados; Subnutrição.

Abstract:

Millions of people live in permanent starvation and even die of hunger in the world in spite of good conditions in order to produce food to all. Even so this dos Anjos essay on *bread* has not only the material dimension of bread, but also its relational and symbolic dimensions as well. The human unfair relationship to bread mainly for those who need it – the bread as food, as life conditions and as environment – has as effect all a risk for the life itself and eventually millions of death. As conclusion dos Anjos list

* Professor de Teologia no ISPES; docente de Bioética no Centro Universitário São Camilo; membro da Câmara Técnica de Bioética do Conselho Regional de Medicina de S. Paulo; ex-presidente da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião.

some contradictions that must be overcome if one would like be faithful to the Christian symbolism and nature of *Our Bread*: argue against the use of food as simple speculative merchandise, overcome the poverty situation in all its dimensions, look for real solution to the lack of food and not only distribute a basic set of maintenance.

Key words:

Hungry; Bread: meaning; Malnutrition.

Introdução

Em Teologia, todo estudo sobre o pão conta com uma forte simpatia pelo fato de Jesus ter associado a ele o seu memorial para a humanidade. Neste breve estudo, porém, nossa atenção se dirige para a contradição em que o pão se coloca na vida humana. Nossa experiência de vida, em um contexto de grandes desigualdades, parece contribuir para este enfoque. Uma breve narrativa pode servir aqui de introdução.

Tive uma vez a oportunidade de conviver um mês com indígenas Krahós, no norte do Brasil. Era uma aldeia a três horas de barco de Piacá, o vilarejo branco mais próximo. Embora situado no interior, à margem do rio Vermelho, ali já estava o desmatamento e com ele a carestia. Os rios já não tinham tantos peixes, pois mais acima os brancos usavam seus meios mais poderosos de pescar. Era então uma aldeia pobre, mas sobreviviam com alegria. Dois rapazes brancos sustentavam na aldeia um posto da FUNAI. Estes dois jovens me convidaram um dia para o almoço no posto. Um menino indígena, talvez de sete anos, grudou em mim e me seguia sem mais, conforme os costumes da tribo. Chegamos e os rapazes da FUNAI fritavam alguns lambaris de aperitivo. O primeiro peixe veio para mim, como convidado que era. Recebendo o peixinho, pensei comigo: *Vou dar uma alegria ao garoto*, e o passei a ele. Com o pequeno peixe na palma da mão, primeiro os olhos da criança brilharam de alegria; e em seguida, muito rápido, como se o peixinho ainda estivesse vivo, cobriu-o com a outra mão e saiu correndo. Fiquei sem saber o que acontecia. Perguntando aos rapazes por uma explicação, ouvi perplexo o que não esperava. Simplesmente disseram em tom de deboche: *O besta deste moleque vai querer repartir a porcaria deste peixe com os seus irmãos; pois eles não comem nada sozinhos!*.

Naquele momento ficava mais claro para mim como o pão – desta vez em forma de peixe, uma expressão também

carinhosa nos Evangelhos – era símbolo não apenas de partilha, mas também sinal de contradição.

O cenário mundial para nossa reflexão está desenhado nas oito grandes prioridades que a ONU assume para este milênio: 1. Erradicar a extrema pobreza e a fome; 2. Atingir o ensino básico universal; 3. Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade na infância; 5. Melhorar a saúde materna; 6. Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças; 7. Garantir a sustentabilidade ambiental; 8. Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento. Em primeiro lugar, está o propósito de *erradicar a extrema pobreza e a fome*.

De fato, as estatísticas atuais apontam para quase um bilhão de pessoas que, neste ano de 2010, passam fome, isto é, não dispõem de calorias mínimas necessárias em sua alimentação, para sobreviverem com alguma qualidade de vida.¹ Este é o contexto específico em que colocamos esta reflexão. Embora haja alguns sinais de diminuição da fome no mundo, a contradição entre a abundância e a carência ronda o coração e a mente das pessoas e toma outras representações que vão além da fome fisiológica. De fato, Jesus alerta que *não só de pão vive o ser humano*. Com isto Jesus coloca o pão material dentro de uma simbólica maior que é fundamental compreender.

¹ Dados disponíveis em <https://www.fao.org.br/> (acesso 22/09/2010)

AS DIFERENTES FACES DO PÃO

O pão, enquanto um derivado de trigo, tem um valor relativo dentro do conjunto das culturas que produzem formas de alimentação. Mas enquanto alimento, e especialmente enquanto figura símbolo da alimentação, recebe um lugar central em nossa vida. Sua importância decorre desta proximidade tão estreita com o dom mais precioso em nós, que chamamos vida. O que realmente lhe confere importância é a *vida*. Mas o que é a vida? Há neste termo uma boa dose de mistério. Embora se trate de algo em que estamos essencialmente envolvidos, temos dificuldade para defini-la. Esta pergunta incomoda hoje as próprias ciências. Paradoxalmente, as interrogações parecem aumentar exatamente quando as ciências avançam na decodificação dos nexos da física e da química com a constituição da vida.

De fato, nos avanços das ciências particularmente na direção da fisiobiologia molecular, incluindo a conseqüente análise dos códigos genéticos, ficou evidente o caráter *biofí-*

sico e *bioquímico* em que estamos constituídos. E, no entanto, mesmo colocando as composições físico-químicas juntas, nem com isto se obtém o ser vivo. As ciências conseguem assim verificar a vida, mas não produzi-la. A genética é ciência que diz respeito à *gênese* ou origem da vida, mas de fato ainda carrega suas perguntas cruciais sem resposta. Este intrigante resultado leva às vezes os cientistas a relerem até mesmo antigas considerações filosóficas e teológicas sobre a alma,² mesmo que a própria teologia tenha hoje restrições sobre elas.

² Cf. R. BÁRBARAS, *A alma e o cérebro*. In: NOVAES A. (Ed.), *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 65-76; R. MARINO Jr. *A religião do cérebro*. São Paulo: Gente, 2006.

Passando da pergunta sobre o constitutivo da vida, para a sua sustentação, chegamos mais diretamente ao pão. Como se alimenta a vida? Aqui também as ciências biológicas e particularmente a genética humana tem fornecido excelentes contribuições para se compreender melhor o alcance das exigências sobre a alimentação e sustentação da vida. Na decodificação do genoma humano, entre o susto e o empolgação, pensou-se que teríamos então as chaves para entender e mesmo programar a constituição do ser. Mas também logo se verificou que o genótipo, ou seja, a herança genética em que cada ser está constituído (falamos especificamente de seres humanos) não é senão uma parte de sua realidade. Pois o ser vivo se constitui e se sustenta, ou morre, através da interrelação com o ambiente em que vive. Assim, a própria genética, não obstante o atrativo que desperta o estudo do DNA, não pode menosprezar a importância final do *fenótipo*. De fato, pelo *fenótipo* se afirma que o ser se constitui e se sustenta pela interação entre sua base genética e o ambiente.³

³ Cf. R. E. RICKLEFS, *Economia da Natureza*. Rio: Guanabara Koogan, 1996, p. 245.

Os avanços científicos atuais transformaram radicalmente nossa compreensão sobre a constituição dos seres, demonstrando, entre outras, a estreita interação em que a vida, inclusive humana, está colocada. Esta crítica se torna tão consistente que hoje já não se sustenta simplesmente um antropocentrismo isolado, mas se afirma a interdependência e a interação de todos os organismos vivos entre si, junto com os seres inorgânicos.⁴ É fácil perceber que este novo paradigma afeta também a compreensão sobre o alimento. Pelos impactos das ameaças ambientais cresce a consciência sobre como nos alimentamos também de ar; a deterioração da camada de ozônio nos faz perceber que nos nutrimos também de luz. E multiplicam-se as evidências sobre o como interferimos nas formas de alimentação dos seres vivos em geral, e da humanidade em particular. Não é, portanto, de se admirar que hoje os estudos de bioética e de ecologia ganhem tanta importância, pois suas questões de fundo versam sobre a sobre-

⁴ Cf. L. BOFF, *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. São Paulo: Ática, 1993, pp.17-20.

vivência da vida no mundo em meio aos avanços científicos e à complexidade de interações na construção da vida.

Em um assunto tão vasto, não podemos perder o foco do *pão* na vida humana e seu significado ético. Diante desta resumida alusão à nova imagem do pão em meio aos avanços científicos atuais, identificamos três interfaces para compreender o *pão*: Uma *primeira* interface se apresenta naturalmente em constitutivos físico-químicos, onde o próprio *pão* pode ser identificado em sua composição e analisado por suas diferentes características e propriedades. Mas logo aparece uma *segunda* interface extremamente importante que abriga a primeira: o *pão* enquanto inserido na rede de relações e interações ambientais, especialmente humanas. Desde já, se perguntaria aqui, até que ponto estas redes relacionais simplesmente facilitam ou dificultam o acesso ao *pão* ou até que ponto elas próprias se tornam *pão*. Esta pergunta evidencia a importância de uma *terceira* interface constituída pelos significados, representações e sentidos com que alimentamos particularmente a vida humana. Esta última é, como sabemos, uma interface extremamente presente na reflexão teológica. Em poucas palavras, quando dizemos *pão*, lidamos com uma dimensão físico-química, uma rede de relações, um horizonte de significados.

Não julgamos necessário fundamentar esta percepção, pois simplesmente a tomamos como sugestão para melhor entender o ambiente humano em que se produz, se parte e se come o pão, ou se briga por ele. Nas reflexões subsequentes, o alcance e a validade desta hipótese podem ser testadas. Entretanto, já se pode notar antecipadamente que a interface do pão com o campo das relações fica evidente toda vez que se busca analisar a fome no mundo. As injunções políticas se tornam inevitáveis e o próprio Magistério da Igreja, pontifício⁵ e de diferentes episcopados, tem sido veemente em enfatizar esta estreita relação.⁶

ASSAR O PÃO NO FORNO DA SOCIEDADE

Embora se possa fazer o pão na privacidade de uma casa, o pão é eminentemente uma construção social. Sua história através dos séculos e das culturas da humanidade mostra uma trajetória densa de relacionamentos políticos; chega até a ocupar lugar de destaque em economias antigas, como a do Egito nos tempos dos Faraós.⁷ Os países têm de fato diferentes culturas para fazer o pão e constituir a base de sua

⁵ Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO COR UNUM. *A Fome no Mundo, um Desafio para Todos: O Desenvolvimento Solidário*. Vaticano: Vaticana, 1996.

⁶ Cf. L. G. SCUDELER, *A consciência eclesial da fome e da situação dos famintos nos documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*. Roma: Accademia Alfonsiana, 2003. A riqueza documental desta obra abrange também os pronunciamentos do Magistério dos últimos Papas e CELAM.

⁷ Cf. H. E. JACOB, *Seis mil anos de pão: a civilização humana através de seu principal alimento*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003, p. 52.

⁸ Cf. P. de AGUIAR, *A mandioca, pão do Brasil*. Rio: Civilização Brasileira, 1982.

⁹ Cf. J. de ANCHIE-TA, *Cartas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933, pp. 125; 427.

¹⁰ A Pastoral da Criança tem feitos *milagres* com farinha de folhas secas de mandioca para enriquecer a alimentação de crianças pobres, mulheres que amamentam e de pessoas idosas.

¹¹ Cf. L. AMARAL, *História da agricultura brasileira*. Rio: Editora Nacional, 1958, p. 304.

¹² Cf. Josué de Castro, publicou em 1946 sua obra *Geografia da fome*, que foi traduzida para mais de 20 idiomas no mundo; contribuiu assim para uma nova consciência mundial sobre o tema. Suas principais obras: *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946; *Geopolítica da fome*, Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951; *O livro negro da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1957; *Homens e caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967; *Explosão demográfica e a fome no mundo*, Lisboa: Itáu, 1968. Disponíveis em Inglês: *The geography of hunger*, e *Geopolitics of hunger*.

alimentação. Esta inevitável dimensão social da elaboração do pão pode ser exatamente uma chave de compreensão para se descobrir o alcance ético que o pão passa a ter em meio a estas relações.

Vejamos brevemente algo do que se passou na América Latina, que está mais próxima de nossa experiência. Na elaboração do pão como alimento básico, o continente latino-americano não conhecia inicialmente o trigo, mas contou com duas grandes tradições, uma centrada no milho, outra na mandioca, (um tipo de planta com grossa raiz). A cultura do milho, particularmente desenvolvida entre os Incas se tornou tradicionalmente tão importante para a vida do povo, que propiciou a suas tradições religiosas associar o milho ao Filho de Deus. A cultura da mandioca, bastante difundida em todo o continente, é fundamental em todo o período da colonização latino-americana e especificamente na brasileira.⁸

Já em seu primórdios, em 1585, o missionário jesuíta José de Anchieta noticiava que *o pão comum desta terra é de raízes de mandioca*.⁹ Esta planta propicia o *pão dos pobres* por sua facilidade de cultivo e por que pode ser aproveitada *da ponta das folhas ao extremo das raízes, aí incluindo-se os caules e as cascas, e até a água esguichada na prensagem*.¹⁰ Entretanto, o espírito colonialista, guiado pela máxima exploração de vantagens, não vê interesse de comercialização neste recurso alimentar, mas descobrirá, em dois ciclos subsequentes, as vantagens do plantio da cana de açúcar e posteriormente o plantio do café. Em uma antiga análise deste processo se acusa como esta fonte alimentar se distancia da mesa do pobre dentro do próprio processo cultural: *Colônia de exploração, entregamo-nos sofregamente à lavoura novidadeira, aqui aportada com os primeiros colonizadores – a cana-de-açúcar. Império sem estadistas, envolvemo-nos na monomania do café*, correndo atrás de cultivos que fossem rendosos ao comércio, sem perguntar pela vida do povo.¹¹

Josué de Castro, mundialmente conhecido por suas agudas análises sobre a fome,¹² leva adiante o desastre ambiental que daí se desdobra:

poucas regiões no mundo se prestam tão bem para um ensaio de natureza ecológica como a do Nordeste açucareiro (do Brasil), com sua típica paisagem natural, tão profundamente alterada, em seus traços geográficos fundamentais pela ação do elemento humano. Com seu revestimento vivo quase que completamente arrasado e substituído por um outro inteiramente diferente: região de

*floresta tropical, transformada pelo homem em região de campos abertos, teve o Nordeste a vida de seu solo, de suas águas, de suas plantas e do seu próprio clima, tudo mudado pela ação desequilibrante e intempestiva do colonizador, quase cego às conseqüências de seus atos, pela paixão desvairada que dele se apoderou de plantar sempre mais cana e de produzir sempre mais açúcar.*¹³

Este pequeno e doloroso exemplo mostra como o pão muito rapidamente se cerca de inúmeras contradições. Esta contradição ecológica, entretanto, ganha uma face ainda mais perversa ao interferir diretamente nas pessoas. De fato, as grandes plantações acabam concentradas nas mãos de grandes proprietários; os pobres são distanciados da terra; e os poucos trabalhadores que serão admitidos, ficarão totalmente dependentes do salário que lhes quiser pagar o patrão. Serão chamados de *bóia-fria*, porque deverão comer, apressadamente no próprio local da plantação, uma marmitta fria, trazida de madrugada de suas moradias. O que haveria nestas marmittas? O pão se tornou escasso e se transformou em fome.

Atualmente existem bons estudos e análises sobre a geografia da fome no mundo, bem como prospecções relacionadas com a produção de alimentos em tempos de alta tecnologia e de globalização da economia.¹⁴ Nosso interesse aqui não é propriamente o de oferecer estatísticas que mostrem os números do pão ou da fome. Queremos apenas chamar a atenção para o fato de que o pão é produzido em sociedade; e as relações sociais que o produzem estão marcadas por desigualdades profundas. O pão se assa com fogo e calor, mas o fogo muitas vezes queima o pão dos pobres.

O PÃO E AS CONTRADIÇÕES DA PARTILHA DESIGUAL

Um breve texto de formação da consciência ética popular traz o seguinte dado: *Uma criança norte-americana consome o equivalente a duas crianças suecas, a três italianas, a treze brasileiras, a trinta e cinco indianas e a duzentas e oitenta haitianas*. Dispensamo-nos de citar a fonte, pois a exata comprovação destes dados não pode ser verificada. Mas mesmo assim, o texto acaba sendo sugestivo para se perguntar: como vai a distribuição do pão no mundo?

Um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) relativo à saúde no mundo em 2002, trazia dados relaciona-

¹³ Cf. J. de CASTRO, *Geografia da fome*. São Paulo: Brasiliense, 1961, vol. 1, p. 13.

¹⁴ Cf. L. YOUNG, *World Hunger*. London: Routledge, 1997.

¹⁵ WHO. *The World Health Report 2002: Preventing Risks, Promoting Healthy Life*. Genève: WHO, 2002.

dos com a distribuição da alimentação.¹⁵ Entre os 25 maiores riscos preveníveis, identificados pelos estudos desta organização, o relatório chamava a atenção para os dez mais importantes em nível mundial, a saber: *baixo peso infantil e materno; sexo inseguro; hipertensão; tabagismo; água não potável, falta de saneamento básico e higiene; colesterol alto; fumaça em ambientes fechados provenientes de combustíveis sólidos; deficiência de ferro e excesso de peso/obesidade*. Juntos, estes riscos somam em torno de 40% das 56 milhões de mortes que ocorrem anualmente no mundo; e são responsáveis por um terço da perda global de anos de vidas saudáveis.

Mais especificamente sobre a alimentação, o relatório mostrava que em torno de 170 milhões de crianças em países pobres tem baixo peso, principalmente por falta de comida. Estima-se que o baixo peso infantil e materno tenha causado, em um ano, 3.4 milhões de mortes, das quais 1.8 milhão ocorreram na África. Esta cifra representa aproximadamente uma em cada 14 mortes em nível mundial. A desnutrição é o fator que contribui para mais da metade de todas as mortes infantis nos países em desenvolvimento. O baixo peso continua sendo um problema presente em todos os países em desenvolvimento, e nos quais a pobreza é uma importante causa subjacente. Alguns indicadores atuais mostram que no Afeganistão, Bangladesh e Índia, cerca de 48% das crianças de primeira infância estão abaixo do peso. Na Coreia do Norte a estimativa é de 60% de crianças abaixo do peso. A pobreza gera insegurança alimentar nas instituições, um cuidado infantil deficiente, desnutrição materna, ambientes insalubres e cuidados precários de saúde. A dificuldade do acesso à água pode complementar este quadro de contradições. Os indicadores mostram a baixa porcentagem de populações que tem acesso à água potável. No Afeganistão, apenas 13%; no Camboja, 30%; na Etiópia, 24%.¹⁶

Como vimos no início, os indicadores atuais apontam quase um bilhão (983 mi.) de famintos no mundo. De outro lado, mais de um bilhão de adultos no mundo, em países de renda média e alta, têm excesso de peso ou são obesos. Em torno de meio milhão de pessoas na América do Norte e na Europa Ocidental morrem anualmente por causas de doenças relacionadas com excesso de peso e obesidade.¹⁷

Diante disso, a OMS põe hoje o dedo na ferida estrutural da justiça quanto à distribuição de recursos no mundo. Em um estudo sobre fatores *determinantes sociais da saúde* centram-se tais *determinantes* na justiça social entendida como *equidade* em todos os âmbitos das relações, desde as

¹⁶ ISTITUTO GEOGRÁFICO AGOSTINI. *Calendário Atlante de Agostini 2005*. Novara: Geonext Agostini, 2004, pp. 134-137.

¹⁷ WHO. *The World Health Report 2002*, op.cit.

relações internacionais até o cotidiano da vida.¹⁸ Em um estudo prospectivo sobre doenças, a mesma OMS verifica que em cerca de duas décadas, a depressão será provavelmente o mais importante impedimento para a vida ativa das pessoas.¹⁹ Entre as causas da depressão se encontram muitos fatores sócio-culturais como o individualismo e a perda de sentidos para a vida e o enfrentamento de seus desafios.

Nestes poucos dados apontados, pode-se verificar a evidência das desigualdades que se multiplicam também em outras áreas. O pão se coloca entre as contradições da abundância que convive com a carestia. A fome não é apenas uma questão de proteínas e calorias. É também ausência de relações saudáveis e de valores que sustentam o viver. A pergunta sobre a responsabilidade humana em tal processo é a grande questão ética.

SERÁ QUE O PÃO ENTENDE A FOME?

A pergunta *se o pão entende a fome*, é simbolicamente rica em significados. Coloca o problema da consciência ética sobre as desigualdades sociais relacionadas com a alimentação. As contribuições de Paulo Freire, especialmente em sua obra *Pedagogia do oprimido*, demonstram que a consciência crítica sobre as desigualdades é fundamental para que as pessoas alimentem decididamente sua dignidade e sua liberdade.²⁰ Em nossos termos simbólicos, quando o pão não busca compreender as razões da fome, não se caminha para romper o processo de uma subnutrição ética; isto é, quem sofre a fome, mesmo que socorrido pelo pão recebido, não vê as chances de superar a dependência para sempre receber; e quem socorre aos famintos, mesmo que cercado de boas intenções humanitárias, de fato não dá passos decisivos para a superação da fome. Estes conceitos trazem nova luz para a caridade, de tal forma que ela seja uma *caridade libertadora* das pessoas pobres e famintas; e supere o assistencialismo que alivia a fome, mas não abre perspectivas de solução durável. As contribuições de Paulo Freire influenciaram a Cáritas Brasileira²¹ e as propostas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sobre a fome.

O desafio de compreender a fome tem vários âmbitos e por isto mesmo pode se colocar nas relações interpessoais. Entretanto, as relações macro-sociais se tornam um grande ambiente responsável pelas condições da fome no mundo, e por isto mesmo, requerem uma atenção especial. O tema se torna particularmente complexo quando se assumem as

¹⁸ OMS. *Redução das desigualdades no período de uma geração: igualdade na saúde através de ação sobre os seus determinantes sociais*. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2010.

¹⁹ OMS. http://www.who.int/mental_health/management/depression/definition/en/

²⁰ Cf. P. FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

²¹ CÁRITAS BRASILEIRA. *Mística e Metodologia da Caridade Libertadora*. São Paulo: Loyola, 1991; apud L. G. SCUDELLER, *A consciência eclesial da fome*, op.cit. p. 150.

²² Cf. F. M. LAPPÉ – COLLINS, J. – ROSET, P. – ESPARZA, L., *World Hunger: 12 Myths*. New York: Grove/Atlantic and Food First Books, 1998.

²³ Cf. A. TOFFLER, *Power Shift: Knowledge, Wealth and Violence at the Edge of the 20th Century*. New York: Bantam, 1991; *Powershift: Mudanças do Poder*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

²⁴ Cf. Th. Dos SANTOS, *Do terror à esperança: Auge e declínio do neoliberalismo*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

²⁵ Cf. S. AMIN, *Les défis de la mondialisation*. Paris: L'Harmattan, 1996; *Os Desafios da Mundialização*. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

²⁶ Cf. M. F. dos ANJOS, *Power and Vulnerability: A contribution of developing countries to the ethical debate on genetics*. In: CAHILL, L. S. (Ed.), *Genetics, Theology, Ethics*. An interdisciplinary conversation. New York: Crossroad, 2005, pp. 137-157.

diferentes faces do pão, isto é, que os seres humanos nos alimentamos de elementos químicos, de relações e de significados. Perguntar pela fome é, neste sentido, perguntar pelas carências do que alimenta a vida nestas três dimensões interrelacionadas. Dentro de um tema tão amplo anotamos apenas alguns aspectos. Vale, em primeiro lugar, comentar alguns pressupostos, que às vezes são assumidos de forma indiscutível para explicar a fome no mundo;²² e por outro lado, chamar a atenção para alguns pontos que parecem decisivos nesta área.

O primeiro deles seria a insuficiência dos alimentos para tanta gente; o crescimento populacional, somado com as intempéries climáticas, seriam os principais responsáveis pela fome. Esta argumentação está hoje superada pela evidente eficiência tecnológica na produção mundial de alimentos. Os supermercados estão abarrotados de bens de consumo. A tecnologia supera os limites climáticos da produção e vence as distâncias para a oferta dos produtos. Também o lixo mundial é eloqüente para dizer que não faltam alimentos; há desperdício, paradoxalmente até mesmo entre os pobres.

Seriam os pobres os culpados pela própria fome? Este pressuposto procede de forma ingênua na análise da pobreza. O despojamento do pobre afeta sua consciência, sua motivação e condiciona suas chances de saída. Sabe-se que uma forma hegemônica de poder é o saber, exatamente porque os avanços tecnológicos privilegiam hoje o saber como força de produção.²³ A pobreza hoje não se explica sem o processo de exclusão na rede de relações sociais mais amplas, como resultado de uma mega-concentração de poder e de recursos, favorecida hoje pelo neoliberalismo.²⁴

- A fome se explica por contraposições entre o Norte e o Sul; entre o Ocidente e o Oriente? Hoje, a geografia da fome já não se identifica tão facilmente por hemisférios e por Continentes.²⁵ O neoliberalismo econômico e político permite hoje grandes ilhas de desenvolvimento tecnológico em meio a grandes contextos de pobreza.²⁶ O Oriente abriga países em franca projeção mundial, ao lado de nações extremamente pobres. A América Latina carrega em seu tecido social interno as maiores desigualdades e distâncias entre pobres e ricos, mantidas por suas próprias estruturas sociais e culturais. As formas de exclusão e inclusão das pessoas se fazem, portanto, presentes na própria construção sócio-cultural local. Os

próprios países considerados economicamente desenvolvidos podem assim identificar pobres e famintos em seu meio; tudo depende de como se administra a concentração ou distribuição do poder em seu meio.

Então a fome não teria hoje explicação em relações internacionais? A globalização política e econômica traz novos ingredientes para as relações internacionais, mas não suprime formas persistentes que sustentam as desigualdades internacionais. Estas condicionam drasticamente a muitos países em sua organização interna. As dívidas internas e externas dos países em desenvolvimento são um lugar muito particular para se verificarem estas interferências. O Banco Mundial identificou países, classificados de HIPC, em que reconhece como suas dívidas representam um insuportável agravo social, particularmente na África.²⁷ Além disto, países como o Brasil, que está agora entre as maiores economias do mundo, foi por longo tempo refém do sistema financeiro; em passado recente se via obrigado a oferecer até 26% de juros anuais para atrair investidores. O mercado financeiro estabeleceu no mundo um enorme sistema de usura, pela qual muitos países sofrem uma sangria nas fontes de sua produção, para que as dívidas sejam pagas.

²⁷ Sigla para High Indebt Poor Countries (países pobres com elevado nível de dívida externa). Cf. <http://www.worldbank.org/hipc/>

Se procurarmos identificar os desafios da superação da fome a partir das pessoas famintas, há um programa claro do que deve ser feito: oferecer o alimento inicial para superar a fome e logo também a educação que permita um mínimo de formação para a consciência crítica; e a inclusão na rede de relações sociais de produção e consumo. Os programas de *Fome Zero* e o *Bolsa Família* no Brasil, mesmo que insuficientes representam um reconhecimento explícito da necessidade de se fazer algo nesta direção. Certamente o preço da superação da fome no mundo é mais barato do que a convivência com ela. Mas a lógica da concentração dos bens não se convence disto.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA...

As observações levantadas até aqui convergem naturalmente para um desdobramento do tema de forma mais explicitamente teológica. Na impossibilidade de fazê-lo neste artigo, nos limitaremos a um breve comentário conclusivo, que, entretanto, permite notar as opções cristãs que marcam a análise ética feita anteriormente.